

ARTE E MUSEU EM RELAÇÃO: ALEGORIAS DO FEMININO EM EXERCÍCIOS ARTÍSTICOS NA TRIDIMENSÃO

Débora Marceli Gauginski Elias de Souza (UEM)

Profa. Dra. Adriana Pedrassa Prates (UEM)

marceli.g.debora@gmail.com

Resumo:

A presente pesquisa buscou investigar as tensões pertinentes à relação entre arte e museu, resultando na produção da série tridimensional “O Rapto da Arte” (2024), composta por três obras que exploram modos pelos quais o museu influencia a arte e é influenciado por ela. A metodologia aliou revisão bibliográfica de cunho qualitativo com exercícios artísticos. A série materializa reflexões sobre as dinâmicas de submissão e resistência presentes nessa relação, evocando, para isso, certas imagens do feminino. Entende-se que essa relação é paradoxal e necessita ser indefinidamente reimaginada tendo em vista o papel das instituições artístico-culturais nas sociedades e formas outras de coexistência entre arte, museu, poder e liberdade. Nesse sentido, o trabalho busca evidenciar como a institucionalização da arte pode tanto limitar quanto potencializar sua força crítica, revelando contradições que atravessam a história das práticas expositivas. Além disso, pretende estimular debates sobre o papel do público nesse processo, uma vez que a experiência estética no espaço museal também é mediada por normas e convenções sociais. A pesquisa, portanto, não apenas analisa, mas convida à reflexão sobre como imaginar alternativas possíveis para a relação entre criação artística e instituições museais.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Museologia; Tridimensionalidade.

1. Introdução

A pesquisa “Arte e Museu em relação: alegorias do feminino em exercícios artísticos na tridimensão”, vinculada ao Dobra - Grupo de Pesquisa em Arte, Subjetividade, Educação e Diferença da Universidade Estadual de Maringá (UEM), foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Arte (PIBIART) entre abril e dezembro de 2024. Inserida no contexto acadêmico, articulou ensino, pesquisa e extensão, com foco no desenvolvimento de reflexões

fundamentadas sobre como o museu interfere na experiência da arte e, ao mesmo tempo, é ressignificado por ela.

O objetivo foi investigar a relação paradoxal entre arte e museu, inspirada na reflexão de Paul Valéry em “O problema dos museus” (2008). As discussões estimularam experimentos artísticos visuais que resultaram na série tridimensional “O Rapto da Arte” (2024), composta pelas obras: “Três Graças”, “Gaiola de Ouro” e “Cuidado: Frágil!”. As obras refletem tensões entre submissão e resistência na relação arte-museu, evocando imagens do feminino como alegoria crítica.

A obra “O Rapto de Proserpina” (1621-1622), de Gian Lorenzo Bernini, representativa do mito de Perséfone e Hades, funcionou como elemento disparador da investigação, proporcionando uma importante dimensão simbólica a tal movimento. Assim como Perséfone que, ao ser levada para o submundo, se vê dividida entre aprisionamento e sedução, o ingresso da arte no museu no século XVIII, permite que a notemos, desde então, como simultaneamente capturada e desejosa pelas/das tensões que a envolvem em um jogo ambíguo de permanência e afastamento relativo à instituição museal nas diferentes configurações que essa relação assume ao longo da história. A presença do corpo feminino na presente elaboração simboliza não apenas certa personificação da arte, mas também o anseio historicamente identificável em quantidades expressivas de produções artísticas e expositivas de (re)afirmação de tal corpo como alvo de desejo e posse, assim como, mais recentemente, de resistência.

2. Metodologia

Como metodologia, tendo em vista dar espessura às diferentes camadas da produção visual e movimentar, ao mesmo tempo, as reflexões acionadas, a investigação debruçou-se, no decorrer das experimentações artísticas ativadas, sobre a crítica institucional e a entrada da arte na era da estética no século XVIII, acompanhando as transformações do museu até os Novos Museus, sem deixar de passar pela Nova Museologia dos anos 1980.

Nesse processo, o museu, tradicionalmente voltado à memória e ao futuro (Gonçalves, 2004), passou a enxergar o espectador como usuário ou consumidor, refletindo mudanças na própria produção da arte sob um processo de ininterrupta

reciprocidade de influências. Prates e Aquino (2024) discutem essa relação a partir do conceito foucaultiano de governamentalidade, enquanto Arantes (1999; 2005) analisa as transformações contemporâneas do museu. Já Agamben (2013), aponta a primazia da *práxis* sobre a *poiesis*, associando a instituição museal a certo rebaixamento histórico do lugar dado à arte em sociedades como a nossa. As performances de Andrea Fraser, como “Untitled” (2003), expuseram as dinâmicas de poder e comercialização do sistema artístico. Assim, a série “O Rapto da Arte” (2024), pensa também, no corpo feminino como espaço ativo de resistência no campo institucional.

3. Resultados e Discussão

A série “O Rapto da Arte” (2024), configurada pelo uso de réplicas em escala reduzida de obras da historiografia da arte, sintetiza um movimento investigativo pelo qual a relação arte-museu pode ser visualizada a partir da elaboração de seu atravessamento por termos como submissão, persuasão e interdependência.

A primeira obra, “Três Graças” (2024), apresenta três réplicas em escala reduzida da escultura “Vênus de Milo” (século II a.C.), amarradas no estilo *shibari*. Questionando quem se submete a quem na relação entre arte e museu, a obra associa a fetichização do corpo feminino à da própria arte em tal âmbito. O título remete às Três Graças da mitologia grega - símbolos de alegria, elegância e juventude. A segunda obra, “Gaiola de Ouro” (2024), traz uma réplica em escala reduzida da escultura “Pauline Bonaparte como Vênus Victrix” (1805-1808), de Antonio Canova, em uma gaiola dourada. A obra representa uma atmosfera de “domesticação” da arte trazendo a metáfora que expressa restrição, ainda que em condições de conforto. Por fim, “Cuidado: Frágil!” (2024) apresenta uma réplica em tamanho reduzido da escultura “The Tinted Venus” (1851-1856), de John Gibson, sob redoma trincada, simbolizando a pressão exercida pelo confinamento da arte mostrando, ao mesmo tempo, como esta coexistência é contingencial. Destaca-se, dessa forma, certa fragilidade como resultado de uma contingência histórica sujeita a mudanças, transformações ou até mesmo à extinção. Juntas, as obras questionam poder, controle, proteção e resistência nas relações entre arte e museu.

4. Considerações

Conclui-se que a relação entre arte e museu é, ao mesmo tempo, simbiótica e de distanciamento, havendo múltiplas formas de representá-la e discuti-la. A pesquisa evidencia a necessidade de se reimaginar esse encontro, estimulando um olhar crítico sobre como essa dinâmica molda e impacta as apreensões que temos da arte e das instituições que a expõem, juntas ou separadas. Nota-se que a relação entre museu, arte e espectador permanece em constante transformação, mantendo viva a reflexão sobre o papel do museu na sociedade contemporânea.

A série “O Rapto da Arte” (2024) expressa parte de um movimento investigativo em processo, convidando a refletir sobre contradições que moldam o lugar da arte no mundo atual. Ao propor um atravessamento das relações entre arte e museu, revela, entre fetiches, gaiolas e pedestais, tensões entre preservar e aprisionar, exaltar e reduzir. Essas visualidades evidenciam tanto dinâmicas de submissão quanto de dominância, questionando os limites que se estabelecem entre emancipação e institucionalização. Assim, as obras não apenas problematizam o museu como espaço de legitimação da arte e vice-versa, mas também instigam a imaginar outras formas possíveis de coexistência entre arte, instituição, poder e liberdade.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O homem sem conteúdo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **A "virada cultural" do sistema das artes**. Margem Esquerda: Ensaios Marxistas, n. 6, p. 62-75, 2005.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Novos museus**. Novos Estudos Cebrap, n. 31, p. 161-169, 1991.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX**. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2004.

PRATES, A. P.; AQUINO, J. G. O encontro arte-museu-educação e a invenção de espectadores-alunos perenes. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, 2024.

ENSINO,
EXTENSÃO
E CULTURA:

Itinerário Setorial
Formação e Extensão



10 e 11
NOVEMBRO
2025

VALÉRY, Paul. O problema dos museus. São Paulo: ARS, v. 6, p. 31-34, 2008.